

# A VISÃO HOLÍSTICA E O INVESTIGADOR CRIMINOLÓGICO DO TERCEIRO MILÊNIO

**Marisa Medeiros Moraes**

Professora de Direito Penal do Cesumar. Defensora Pública na Comarca de Maringá. Membro - titular da Associação Ibero-americana de Psicologia Jurídica.

**SUMÁRIO:** 1. A concepção científica ocidental. 2. Holismo, o que é? 3. A conexão mente-corpo. 4. A Consciência. 5. A Consciência ecológica. 6. De como outras ciências, que não o Direito, *vêm* percebendo as novas noções. 7. A visão holística e o investigador criminológico do terceiro milênio.

## 1. A Concepção Científica Ocidental

A concepção científica ocidental, que teve sua origem na Renascença, foi desenvolvida segundo uma paradigma cartesiano-newtoniano e sinteticamente pode assim ser descrita: 1.) é um modelo dualista, porque divide o homem em corpo e mente; 2.) é reducionista, porque reduz o funcionamento do universo e do homem às interações atômico-moleculares; 3.) é mecanicista, porque concebe o universo como um imenso e complexo sistema de relógio.

Fritjof Capra<sup>1</sup> traduz este mesmo entendimento da seguinte forma: "Pensava-se que a matéria era a base de toda a existência, e o mundo material era visto como uma profusão de objetos

separados, montados numa gigantesca máquina. Tal como as máquinas construídas pelos seres humanos, achava-se que a máquina cósmica também consistia em peças elementares. Por conseguinte acreditava-se que os fenômenos complexos poderiam ser entendidos desde que se os reduzisse a seus componentes básicos e se investigasse os mecanismos através dos quais esses componentes interagem. Essa atitude, conhecida como reducionismo, ficou tão profundamente arraigada em nossa cultura que acabou sendo freqüentemente identificada com o método científico."

Neste enfoque a consciência do homem emergiria simplesmente

<sup>1</sup> Fritjof Capra. O Ponto de Mutação. p.44

como um epifenômeno dos processos neurofisiológicos e teríamos forçosamente que aceitar que o homem desta realidade dualista, reducionista e mecanicista seria um homem meramente neuronal, nada havendo a ser considerado com relação à sua parte imaterial, energética ou como quer que a denominemos.

Aliás, foi a aplicação indiscriminada deste paradigma cartesiano-newtoniano a responsável pela dicotomia que separou artificialmente a consciência e o homem, da natureza e do cosmo, ocasionando, como no dizer de Francisco Di Biasi<sup>2</sup>, "toda a tragédia ecossistêmica e a violência do mundo de hoje."

Todavia neste século, a exploração do mundo atômico e subatômico colocou os cientistas em contato com uma estranha e inesperada realidade que pulverizou os alicerces da sua visão de mundo e os forçou a pensar de modo inteiramente novo. A realidade descortinada pela nova física apresenta-se viva

e essencialmente dinâmica - não se renova perpetuamente. Não há realidade que possa ser observada independentemente da mente do observador e a dualidade cartesiana mente e matéria desvanece como pura ficção, no universo da microfísica. Estabeleceu-se ainda o conceito de mundo como um todo unificado e inseparável; uma complexa teia de relações onde todos os fenômenos são determinados por suas conexões com a totalidade.

A teoria da relatividade de Eistein inaugurou o século afirmando que o espaço e o tempo estão em íntima e interdependente relação, ou seja, não são absolutos.

Isto só não bastasse, constatou-se a natureza ondulatória das partículas atômicas. E um dos maiores pasmos: as unidades subatômicas são sutilmente abstratas e têm um aspecto dual: de acordo com a observação apresentam-se ora como *partículas*, ora como *ondas*. Também foi evidenciada a natureza dual da luz que se pode

<sup>2</sup>Francisco Di Biase. O Homem Holístico. p. 18.

manifestar como partícula e onda eletromagnética. A dualidade da partícula-onda, que as unidades subatômicas exibem, faz desabar solenemente o princípio da não contradição da Lógica formal, que se encontra na base do racionalismo clássico.

Aliás, na física quântica o universo é concebido como um *continuum* de universos físicos individuais que configuram todas as realidades possíveis, as quais estão gerando e afetando todas as outras realidades além do tempo comum. Tanto que a essência do princípio quântico é "*querer alguma coisa modifica a coisa que você quer*", como na expressão de Toben e Wolf

Transcendendo o modelo mecanicista, a Física do século XX desvelou um universo vivo, dinâmico, interligado, sistêmico, numa só palavra: holístico. Durante muitos séculos considerada a base de todas as ciências, objetiva por excelência, coube à própria Física *desmaterializar* o mundo e, de certo modo, *subjetivá-lo*, reconhecendo e demonstrando a interdependência e correlação dos

conceitos de mente e matéria. Em outras palavras, penetrando a matéria ela se reveste de energia e penetrando a energia ela se traduz por consciência. E o que é mais surpreendente: essa visão tão atual é também a mais antiga, já que coincide com os fulgurantes *insights* de praticamente todos os grandes mestres das milenares tradições espirituais da humanidade.

Nada parecido com isto acontecera antes com a ciência. Os físicos enfrentavam, pela primeira vez, um sério desafio à sua capacidade de entender o universo. Todas as vezes que faziam uma pergunta à natureza, num experimento atômico, a natureza respondia com um paradoxo, e, quanto mais se esforçavam por esclarecer a situação, mais agudo o paradoxo se tornava. Acabaram assim por entender que a nova visão de mundo que surgiu a partir da física moderna pode caracterizar-se como orgânica, holística e ecológica.

Em verdade, diz Capra, PhD da Universidade de Viena que

<sup>3</sup> Citado por Di Biasi, em "O Homem Holístico". p. 24

realizou pesquisas sobre Física de alta energia em várias universidades da França e dos Estados Unidos: "Um número crescente de cientistas está consciente de que o pensamento místico fornece um coerente *background* filosófico para as teorias da ciência contemporânea, uma concepção de mundo em que as descobertas científicas de homens e mulheres podem estar em perfeita harmonia com seus desígnios espirituais e crenças religiosas."<sup>4</sup>

Isto porque, este pensamento científico ocidental dominante, como vinha sendo praticado até bem pouco tempo, não tinha como lidar com experiências vivenciais diferenciadas dos seres humanos, oriundas do seu Eu Superior, da Mente Universal, ou do Inconsciente Coletivo (Jung), conforme nomenclaturas à escolha, explicáveis hoje mais do que nunca através da psicologia trans-pessoal e trazidas ao consciente, através de um rol significativo de terapias eficazes, que têm por objetivo (entre outros) não só aliviar um sintoma ou problema, mas curar a pessoa

como um todo, corpo e mente.

A verdade é que jamais se imaginou que fosse justamente uma ciência como a física, aquela que traria ao mundo palpável a concepção de consciência como "*essência do universo e fundamento de todo o ser*"<sup>5</sup>. A partir daí, todas as formas de matéria e de todos os seres vivos devem ser vistas como manifestações involuídas dessa consciência pura, hierarquizadas na chamada *grande cadeia do ser*. É uma visão baseada na apreensão da realidade por modos holísticos de percepção e cognição, tais como a intuição, a meditação, e outros estados alterados de consciência.

O importante disto tudo foi demonstrar que a física moderna pode mostrar às outras ciências que o pensamento científico não tem que ser necessariamente mecanicista e reducionista e que as concepções holísticas e ecológicas também são cientificamente válidas.

<sup>4</sup> Fritjof Capra. Obro Cito p. 73

<sup>5</sup> Capra, citado por Pierre Weill, em "Holística: uma nova visão e abordagem do real". p.46

## 2. Holismo: no que consiste?

A palavra holismo vem do grego *holos*, significando "todo", "completo".

Foi usada por Smuts pela primeira vez em 1928, em seu livro *Holism and Evolution*. Ele a usou para descrever os sistemas filosóficos que levavam em consideração *os sistemas como um todo e não as suas partes*.

Álvaro Cabra diz que o termo holístico, do grego 'holos', refere-se a uma compreensão da realidade em função de totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas a unidades menores.

O holismo, na práxis, segundo Pietroni<sup>6</sup> é uma maneira que cada um de nós pode usar para nos compreendermos melhor e entendermos a posição que ocupamos no mundo em que vivemos. A partir desta compreensão mais profunda, fazer escolhas mais acertadas em relação à forma de nos conduzirmos na vida. E observemos o quanto sabedoria popular tem em comum com o pensamento científico ao afirmar:

*"Os "óculos" que colocamos para enxergarmos a nós mesmos e ao mundo determinarão o tipo de imagem que iremos ver."*

Exatamente. Se enxergarmos e entendermos os fatos da vida, não isoladamente, mas dentro dos contextos que lhe são próprios e percebermos de que forma estes fatos isolados interagem com o todo, com o contexto onde estão inseridos, teremos uma visão holística da vida e alcançaremos uma compreensão muito maior do que o fato isolado significa. E isto tem aplicação em todas as áreas do conhecimento humano, sem nenhuma exceção.

## 3. A Conexão·Corpo-mente:

A condição humana, conforme demonstra Pietroni<sup>7</sup>, vem sendo basicamente descrita como sendo composta por entidades separadas. Os seres humanos têm experiências físicas através das sensações - o tato, a visão, a audição - paladar e olfato. Também através de Instintos de fome, sexo e auto-preservação. Temos

<sup>6</sup> Patrick Pietroni. Viver Holístico. p. 9.

<sup>7</sup> Idem, ibidem, p. 17

experiências das nossas mentes através dos pensamentos, idéias, conceitos, imagens ,e, às vezes, nossas porções material e imaterial se unem através de nossas emoções e sentimentos de raiva, amor, ódio, compaixão, nos quais as necessidades e percepções físicas e psicológicas são sentidas. Assim, percebe-se que há uma tendência bem definida de separar o corpo da mente e encarar cada um dos aspectos da condição humana como sendo capazes de existir independentemente uns dos outros. Esta é uma visão clássica, contra a qual se insurge, no dias de hoje, o holismo.

Mas à medida que começamos a descobrir a natureza da conexão mente corpo, o nível da nossa percepção pode começar a se modificar e nos possibilitar uma visão mais completa de nós mesmos .. Da mesma forma que o fato de escalar uma montanha nos permite ter uma perspectiva diferente à medida que subimos mais, pois enquanto o alpinista está no sopé da montanha a visão que ele tem é "verdadeira" até certo ponto. Se o alpinista escala a montanha toda e finalmente

atinge o alto, senta-se, olha o caminho percorrido e a vista que lhe é agora oferecida. A sua mente começa a vagar e ele se perde na contemplação - começa a sentir uma sensação de intemporalidade - como se tivesse estado sempre ali, toda a sua vida, mas na realidade passaram-se apenas alguns minutos. A sensação de quem ele é pode desaparecer e ele se vê sentindo as árvores, os pássaros ou nuvens como se fossem ele mesmo, uma sensação de ligação/totalidade ou unida com todas as coisas. É um estado de iluminação, ou um verdadeiro estado de êxtase, não sei, mas seja como for uma coisa é certa, houve uma modificação na sua capacidade de percepção; enfim, apresentou-se um alterado estado de consciência.

4. Consciência: O **que** viria a ser **na** visão sistêmica **ou** holística?

Volvamos ainda a Capra, dizendo que *“a consciência pode ser definida como a propriedade da mente caracterizada pela capacidade de auto-percepção e auto-cognição”*. A capacidade perceptiva e cognitiva em geral é uma propriedade da mente em todos os níveis de

complexidade, diferentemente da percepção em si mesma, que só se manifesta nos animais superiores e desabrocha plenamente no homem.

Já no tocante ao mecanismo perceptivo, o consciente, por ser o elemento comum de nossas percepções é o elemento mais festejado. A maioria dos indivíduos só toma conhecimento das coisas que se expressam no campo reduzidíssimo do consciente. Mas à medida que vamos ganhando percepções diretas de outras zonas mais profundas da psique (totalidade da mente humana, com suas esferas consciente e inconsciente), vamos observando coisas menos comuns, de difícil explicação, apresentando, entretanto, não menos realismo. Referimo-nos naturalmente à síntese dos elementos que nos cercam, como um mundo de rara beleza. É o verdadeiro sentir da essência das coisas, o pulsar da vida no centro dos fenômenos. A verdade é que as percepções, à medida que aumentam em profundidade, da zona consciente ao imo do inconsciente, se vão tornando mais sintéticas, mais expressivas, de

modo a quase não permitirem uma descrição do que foi observado e sentido. A sensação, a comunhão do espírito com o fenômeno é algo que não pode ser reduzido às descrições comuns. Daí porque Goethe, em sua reconhecida maturidade, escreveu: "*..falamos demais; quem puder penetrar o significado das coisas deverá por de lado tanto a palavra escrita quanto a falada.*"

Sócrates já se referira à grandiosidade dessas percepções e à sua importância para o conhecimento. Platão, um dos paladinos da intuição como processo de pesquisa, conhecia sobremodo estas percepções de ordem superior, às quais denominava de "*percepção interior*". Dizia categoricamente que o panorama deste mundo íntimo "*é uma visão para espectadores bemaventurados, porquanto ver as coisas tais como são em si mesmas é uma benção suprema e inexprimível.*"

Completa-lhe o pensamento o contemporâneo Jorge Andréa<sup>8</sup>:

*"Estas visões interiores são de uma precisão e perfeição tais, que excedem a tudo o que*

<sup>8</sup> Jorge Andréa. Nos Alicerces do Inconsciente. p. 23  
*do melhor conhecemos por*

*intermédio do consciente; são*

*coisas jamais vistas e anotadas pelos sentidos humanos".* Quantas vezes nos ajustamos em pensamento aos determinados objetos, de tal forma que chegamos a nos desligar da percepção consciente, comum, analítica. Em lugar solitário, o encanto da natureza nos fala mais alto à alma; extasia-nos ter diante dos olhos tal realidade. O consciente torna-se fraco e apagado, sente-se como que humilhado de não poder perceber além das cores comuns e vai cedendo lugar às primeiras zonas da percepção sintética; e esta começa a perceber o equilíbrio e a harmonia das vibrações."

Neurologicamente considera-se a existência de três estados clássicos de consciência: a vigília, o sono e o sonho. Já os estados alterados da consciência dizem respeito aos estados meditativos (onde a postura do sujeito é a de uma atitude mental lúcida, não intencional, sem julgamento ou escolha - uma posição de puro espectador, não engajado à experiência que vivencia, processando-a como surge) e outros estados semelhantes, de aquietamento do cérebro, permitindo que a informação holograficamente codificada a respeito do universo fosse decodificada pelo indivíduo,

levando-o a um estado trans-pessoal de consciência em que ele se sente unido ao universo inteiro. A consciência, ao atingir este estado trans-pessoal poderá ser qualificada também de consciência ecológica, num sentido mais amplo, como ver-se-á no item adiante.

## **5. Da Consciência Ecológica**

A "sabedoria sistêmica", como utilizado por Bateson, qual seja, o conhecimento sobre o funcionamento da vida em geral, e do cérebro humano em particular, é capaz de conduzir ao desenvolvimento de uma "*ética de natureza biológica*", livre de quaisquer comprometimentos ideológicos, religiosos ou metafísicos. Dizemos ética biológica porque as neurociências nos revelaram que a verdadeira função biológica das emoções relaciona-se à auto-conservação e à preservação da espécie, que são instintos codificados na estrutura do paleocéfalo, nosso cérebro primitivo. Com a evolução daquele até o surgimento do neocéfalo - o cérebro moderno (da leitura, da aritmética, da poesia e da filosofia - como o

descreve Weill, o homem primitivo adornou suas pulsões igualmente primitivas com julgamentos de valor, desviando as emoções de suas funções primárias de auto-conservação e preservação da espécie *"e com estes falsos valores tenta justificar sua agressividade e seu comportamento destrutivo utilizados na manutenção das estruturas de poder"*

Donde conclui magistralmente Di Biase "Estando embutida na própria estrutura da biosfera, esta ética seria por sua própria natureza, ecológica, e geradora de uma consciência ecológica capaz de justificar um comprometimento político-econômico da humanidade com a sobrevivência deste organismo vivo que é nosso planeta. Portanto, uma maior responsabilidade para as gerações futuras, proporcionando, de conseqüência ainda, um sentimento de cumplicidade com a espécie humana, como parte integrante da natureza e do universo."

Em verdade, a visão orgânica de mundo da idade média implicava um sistema de valores

que conduzia ao comportamento ecológico, visão esta tão bem retratada através das palavras de Carolyn Merchant<sup>9</sup>: "A imagem da terra como organismo vivo e mãe nutriente serviu como restrição cultural, limitando as ações dos seres humanos. Não se mata facilmente uma mãe, perfurando suas entranhas em busca de ouro ou mutilando seu corpo (...) Enquanto a terra fosse considerada viva e sensível, seria uma violação do comportamento ético humano levar a efeito atos destrutivos contra ela."

Lamentavelmente estas restrições culturais desapareceram quando ocorreu a mecanização da ciência. Descartes compartilhava do ponto de vista de Bacon de que o objetivo da ciência era o domínio e controle da natureza, afirmando que o conhecimento científico podia ser usado para *"nos tornarmos os senhores e dominadores da natureza"*.

A humanidade em geral, por pura opção, seguiu-lhe entendimento, cujo alto preço hoje amarga. Daí o retorno que já se esboça à consciência

<sup>9</sup> Carolyn Merchant. "Autora de "The death of nature". Cil. por Capra, obr. ref., p.56.

ecológica; consciência esta que em seu nível mais profundo "é o reconhecimento intuitivo da unicidade de toda a vida, da interdependência de suas múltiplas manifestações, dos seus ciclos de mudança e transformações", conforme definição apresentada por Frigof Nesta perspectiva, que grande sabedoria já desmonstrara o chefe índio Seathl<sup>10</sup> ao expressar: "Tudo está relacionado entre si. Tudo o que fere a terra, fere também os filhos da terra."

#### **6. De como outras ciências, que não o direito, vêm percebendo as novas idéias:**

A concepção holística, freqüentemente associada em psicologia ao princípio *dagestalt*<sup>11</sup>, sustenta que as propriedades e funções da psique não podem ser entendidas se reduzidas a elementos isolados, tal como o organismo físico não pode ser completamente entendido se analisado em termos de suas partes. Nesta perspectiva, a visão fragmentada da realidade não só é

um *obstáculo* para a compreensão da mente, mas constituir-se-ia num aspecto característico da doença mental. Sim, porque a experiência salutar de uma pessoa é a experiência de todo o seu organismo, corpo e mente, e as doenças mentais, segundo psiquiatras e psicólogos, surgem freqüentemente de uma falha de integração dos vários componentes desse organismo.

A nova psicologia, como diz Capra, considera o organismo humano um todo integrado que envolve padrões físicos e psicológicos interdependentes, daí porque ele entende que a base conceitual da psicologia deva ser compatível com o da biologia.

Os mentores destas novas abordagens, na Psicologia, acreditam que um dos mais importantes eventos em psicoterapia seja uma certa "ressonância" entre o inconsciente do paciente e do terapeuta. Tal ressonância será sumamente poderosa se o terapeuta e o paciente estiverem dispostos a deixar de *lado* seus

<sup>10</sup> Chefe índio americano- tribo Sioux

<sup>11</sup> Escola de Psicologia que reconhece que "o todo integrado é maior do que a soma das suas partes"- extraído do Dicionário de Psicologia de James P. Chaplin, p.252. Ainda, a Psicologia gestaltista baseia-se no pressuposto de que os organismos vivos não percebem as coisas em termos de elementos isolados, mas em termos de Gestalten, ou seja, totalidades significativas que exibem qualidades ausentes em cada uma das partes individuais.

Papéis, suas máscaras, defesas e quaisquer outras barreiras erguidas entre eles, para que o encontro terapêutico se torne “um encontro autêntico entre seres humanos.”<sup>12</sup>

Talvez o primeiro a perceber psicoterapia desse modo tenha o Jung, que enfatizou vigorosamente a influência tua entre terapeuta e cliente comparou esse relacionamento com uma simbiose ai química.

A verdade é que no passado, escolas de psicologia haviam posto teorias da personalidade e sistemas de terapias que diferiam radicalmente em suas concepções de como a mente humana funciona na saúde e na doença. Caracteristicamente essas escolas limitaram-se a uma estreita faixa de fenômenos psicológicos - a sexualidade, o trauma do nascimento, problemas existenciais, a dinâmica familiar, etc.

Alguns profissionais desta preferem hoje salientar que nenhuma destas abordagens incorreta, mas que cada uma delas

concentrava-se primeiro numa determinada parte de um espectro geral da consciência, e, depois, tentava estender a compreensão desta parte a toda a psique, coisa com a qual não podem mais concordar diante das novas realidades.

Um dos sistemas mais abrangentes para integrar diferentes escolas psicológicas na atualidade é a "Psicologia de Espectro", proposta por Ken Wilber<sup>13</sup>. Ela unifica numerosas abordagens ocidentais e orientais num espectro de modelos e teorias psicológicas que reflete o espectro da consciência humana. Cada um dos níveis ou faixas desse espectro caracteriza-se por um diferente senso de identidade, indo da suprema identidade da consciência cósmica até a identidade drasticamente limitada do ego. Wilber distingue basicamente quatro níveis: o nível do ego, o nível bio-social, o nível existencial e o nível trans-pessoal e assim os explica:

<sup>12</sup> R.D. Laing. The politics of experience, citado em Capra, pp.375/6.

<sup>13</sup> Ken Wilber. Autor de "O Espectro da Consciência"; A Consciência sem Fronteiras" editados pela Cultrix, outros.

“O primeiro deles foi exaustivamente descrito por Freud - a pessoa não se identifica com o organismo total, mas apenas com alguma representação mental do organismo conhecida como auto-imagem ou ego”.

O segundo nível denomina-se de biossocial, porque representa aspectos do meio ambiente social de uma pessoa (relações, de família, tradições culturais e crenças, entre outros) que estão mapeados no organismo biológico e afetam profundamente as percepções e o comportamento da pessoa.

O terceiro nível existencial é o nível do organismo total, caracterizado por um senso de identidade que envolve uma consciência do sistema mente-corpo como um todo integrado, auto-organizador.

O quarto, nível trans-pessoal; é o nível do inconsciente coletivo e dos fenômenos que lhe são associados, tal como descritos na psicologia junguiana.

Na extremidade do espectro de consciência as faixas trans-pessoais fundem-se no nível do espírito (Mind). É o nível da consciência cósmica, em que a pessoa se identifica com o

universo inteiro. A percepção consciente neste nível corresponde ao verdadeiro estado místico, no qual todas as fronteiras e dualismos foram transcendidos e toda a individualidade se dissolve na unicidade universal, indiferenciada. Alcançar o estado místico tem sido a preocupação preponderante das tradições místicas e espirituais do ocidente e oriente.

Stanilav Grof, quando estudava experiência humanas trans-pessoais vindas à tona por influência da utilização do ácido lisérgico, aproximou-se de Wilber, elaborando um outro mapa da consciência compatível. Sua cartografia abrange três domínios principais: 1.) o domínio de experiências psicodinâmicas associadas a eventos da vida passada e presente de uma pessoa; 2.) o domínio das experiências perinatais, relacionadas com os fenômenos biológicos envolvidos no processo do nascimento; 3.) o domínio das experiências trans-pessoais, que vão além das fronteiras individuais.

Aliás, foi o mesmo Stanislav Grof, juntamente com Abraham Maslow, que criaram o termo "psicologia trans-pessoal", para indicar um movimento psicológico que se ocupa direta ou indiretamente do reconhecimento, da compreensão e da realização de estados não ordinários, místicos ou trans-pessoais da consciência, assim como das condições psicológicas que representam barreiras para tais realizações.

Inúmeros profissionais da área, no mundo inteiro, já estão trabalhando segundo esta abordagem, com grandes resultados práticos. Demonstrado está, pois, que a visão holística ou sistêmica desta ciência já está inteiramente disponível ao mundo ocidental, bastando para sua incorporação à práxis, o abandono total e definitivo do ranço classista, notando sempre que a grande, a notável exceção foi Jung, que reconheceu a espiritualidade não só como um aspecto integral da natureza humana, mas também como uma força vital na vida humana.

## **7. A Visão holística e o investigador criminológico do próximo milênio:**

Demonstrado já como a visão sistêmica ou holística de mundo pode estar à serviço da ciência, (quando ainda não incorporada definitivamente por ela), vejamos agora como deverá se conduzir o investigador criminológico rumo a uma busca mais coerente de um de seus mais importantes objetos de pesquisa, a gênese do delito, acrescido agora da prevenção vitimária<sup>14</sup> já livre do ranço do pedantismo clássico, que embota o raciocínio lógico e impede de perceber outros conteúdos humanos até então vistos como aviltantes à concepção científica ocidental e que hoje, a cada dia mais, se assentam como verdadeiros e incontestes:

Geneticamente ...

a.) entendendo de forma absolutamente prioritária, que pessoas são um todo biopsicossocial dinâmico, integrado com a natureza e o cosmo e não um complexo de células e órgãos trabalhando juntos. Que este todo, cuja dinâmica global auto

<sup>14</sup> Prevenção vitimária, expressão utilizada por Antônio García- Pablos de Molina, em sua *Criminologia*.

organizadora gera propriedades novas, reflete no microcosmo do organismo humano, a ordem macrocós mica da mente universal.

b.) Que a matéria de que é constituído o universo é matéria mental.

c.) Que sob a perspectiva sistêmica, a consciência é considerada a realidade primordial, a essência do universo e o fundamento de todo o ser. Assim, todas as formas de matéria seriam manifestações involuídas dessa consciência pura, hierarquizadas na chamada *grande cadeia do ser*. Visão esta baseada na apreensão da realidade por modos holísticos de percepção e cognição, tais como a intuição, a meditação e outros estados alterados da consciência.

d.) Que a pessoa humana (assim entendida como um todo biopsicossocail dinâmico integrado com a natureza e o cosmo) interage com o meio circundante, influenciando-o e sendo influenciado por ele

e.) Demonstrando que o pedantismo científico clássico já não tem mais razão de ser e que se insistentemente cultivado pode

embotar definitivamente o raciocínio do investigador, que precisa de muita lucidez, coragem e ousadia para aceitar a mudança de conceitos já fixados na mente científica, da mesma forma como o fizeram Copérnico e Galileu, cujo preço pela ousadia valeu a este último até a alcunha de "bruxo" e o furor da "Santa" Inquisição.

Especificamente ...

1.) Deixando claro que o método a ser utilizado pelo investigador desta matéria tem como características fundamentais o empirismo e a interdisciplinariedade.

2.) Que o objeto de sua investigação consiste na análise do delito, do delinqüente, da vítima e do controle social e que são funções precípuas da ciência a que ele se destina a investigar: explicar e prevenir o crime e intervir na pessoa do infrator.

3.) Entender, como já o fez Antônio Garcia - Pablos de Molina<sup>15</sup> que "o homem não é objeto, senão sujeito da história.

<sup>15</sup> Antônio Garcia . Pablos de Molina e Luiz Flávio Gomes. *Criminologia*, p49.

E que as razões e significados de sua conduta transcendem a idéia da causalidade." Ademais, que a criminologia pretende *conhecer* a realidade, para, só então, poder *explicá-la*.

4.) Acatando a advertência de D. Matza<sup>16</sup> de que "o subjetivismo, a empatia e a intuição não são incompatíveis com o naturalismo corretamente entendido e têm perfeito cabimento no método criminológico, já que permite ao investigador captar e compreender os significados do mundo criminal."

5.) Que o princípio *interdisciplinar*, como no dizer de Molina, acha-se significativamente associado ao processo histórico de consolidação da criminologia. "O princípio interdisciplinar, portanto, é uma exigência estrutural do saber científico, imposto pela natureza totalizadora deste e não admite monopólios, prioridades nem exclusões entre partes ou setores de seu tronco comum. Ademais, parece óbvio que a criminologia só pôde se consolidar como ciência, como ciência autônoma, quando conseguiu se

emancipar daquelas disciplinas setoriais em torno das quais nasceu e com as quais, com frequência, se identificou indevidamente; isto é, quando ganhou consciência de "instância superior" de sua estrutura inerdisciplinar."<sup>17</sup>

6.) Permitindo-se aceitar, todavia, que todas as Escolas Criminológicas deram contribuições preciosas no sentido da investigação da gênese do delito, no momento em que a Criminologia voltava prioritariamente seus olhos para tal, tentando compreender o porquê do comportamento do homem que delinqüiu, muito embora cada uma delas, embasada em diferentes ciências, ou ramos diversos de uma mesma ciência, tenha mensurado de forma acentuada os fatores que lhes eram próprios, em detrimento dos demais;

7.) Oportunizar a conclusão ainda, sob outra perspectiva, que a vida é dinâmica por excelência, e em decorrência disso, conceitos que poderiam ser tidos como

<sup>16</sup> D. Matza. *El proceso de desviación*, p. 36 e 55.

<sup>17</sup> Antônio Garcia - Pablo de Molina, op. cit., p. 50.

Verdadeiros no dia de ontem, podem deixar de sê-los num amanhã próximo;

8.) Tentar entender ainda, como bem o fez Roberto Lyra Filho, "que a criminologia é uma ciência nova e em ascensão, não existindo portanto "teorias totais e acabadas" que possam fazer descer o pano sob o palco onde se processa a investigação criminológica",<sup>18</sup>

9.) Que assim como já se concluiu pela influência dos "fenômenos cosmotelúricos"<sup>19</sup> no comportamento humano, coisa que num passado recente era desconsiderado e/ou abominado por homens de ciência, sem preconceito sejam recebidas as conclusões da psicologia transpessoal acerca das novas realidades trazidas à lume por intermédio dos estados alterados de consciência mostrando um novel homem para este 3º milênio;

10.) Aceitando a substituição da Especialização pela noção da "Nova Transdisciplinarietà", cuja finalidade, conforme descreveu Nicolescu<sup>20</sup>, "não é evidente a de construir uma nova

utopia, um nove dogma na pesquisa do poder e d; dominação. Como toda ciência, nova transdisciplinarietà não veiculará certezas absolutas, mas através de um questionamento permanente do "real" ela levará à elaboração de uma abordagem aberta, em permanente evolução, que se nutrirá de todos os conhecimentos humanos e que recolocará o homem no centro das preocupações humanas."

11.) E assim, através desta nova transdisciplinarietà, ampliar conhecimentos e trabalhar para que as técnicas terapêuticas holísticas possam emergir à favor de uma criminologia aplicada, alcançando vítimas e delinqüentes recolhidos às casas de custódia e penitenciárias, especialmente de molde a propiciar uma efetiva renovação pessoal do homem que delinqüiu, em face do autoconhecimento por elas possibilitado, vez que, enquanto as terapias que operam no nível do ego visam expandir o senso

<sup>18</sup> Roberto Lyra Filho citado por Newton e Walter Fernandes, em *Criminologia Integrada*, p. 611.

<sup>19</sup> Fenômenos Cosmotelúricos - estudados por Israel Drapkin e citadas em seu *Manual de Criminologia*, p. 96

<sup>20</sup> Nloolesc Basarab, Citado por R. Creme em *Introdução à Visão Holística*, p. 99.

de identidade da pessoa integrando várias facetas inconscientes da psique, aquelas que atuam em nível existencial vão um passo além. Elas tratam da integração mente-corpo, e sua finalidade é a auto-realização do ser humano.

Conseguido isto, um dia, teremos homens novos - seres humanos realizados - para os quais, a prática de atos que violem a harmonia do seu microcosmo social, afetando, de conseqüência, a própria harmonia macro-cósmica, não mais terá cabida.

De qualquer sorte, e parafraseando R. Crema, antes mesmo que este dia chegue, "importa saber que desde já estamos tendo o inexprimível privilégio de assistir ao nascimento de um mundo novo, num processo de refazimento de nossa tão sofrida e dilacerada Gaia, razão porque, com a

realização do I Congresso Holístico Internacional, realizado na capital federal, o diálogo universal e transdisciplinar entre as diversas formas de saber científico, as artes, as filosofias e as tradições de sabedoria pôde se ampliar ainda mais, gerando uma enorme onda de harmonia e integração entre os participantes, que presenciaram a emergência de uma nova consciência planetária, nascendo o lema: "O século XXI será holístico ... ou não será"<sup>21</sup>.

Francisco Di Biase foi contundente ao afirmar que R.Crema considerou este Congresso um evento de "dimensões iniciáticas", preparando a humanidade para a uma nova era, que se vislumbra com a chegada do terceiro milênio...

---

<sup>21</sup> Roberto Crema. Introdução à Visão Holística.p.118.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CREMA, Roberto. *Introdução à Visão Holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.
- DI BIASI, Francisco. *O Homem Holístico: a unidade mente-natureza*. Petrópolis: RJ, Vozes, 1995.
- PIETRONI, Patrick. *Viver Holístico*. São Paulo: Summus, 1988,
- TALBOT, Michel. *O Universo Holográfico*. 4ª edição, São Paulo: Best Seller, 1991.
- CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. 17ª edição, São Paulo: Cultrix, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Sabedoria Incomum*, 5ª edição. São Paulo: Cultrix. 1996.
- WILBER, Ken. *O Espectro da Consciência*. 4ª edição, São Paulo: Cultrix, 1995.
- PINCHERLE, Lívio Túlio - (organizador). *Uma Abordagem Profunda do Inconsciente*. São Paulo: Summus, 1990. (Novas buscas em Psicoterapia, v.42)
- ANDRÉA, Jorge. *Nos Alicerces do Inconsciente*. 4ª edição ampliada. Sobradinho (DF): Edicel, 1992.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987. (obras completas de C. G. Jung, v.7, t.1)
- IMBASSAHY, Carlos. *A Psicanálise perante a Parapsicologia*. Curitiba: Ghignone, 1960.
- REOFIELO, James & AORIENNE, Carol. *A Profecia Celestina*. 12ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GAAROER, Jostein. *O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. 14ª reimpressão. São Paulo: Companhia de Letras, 1995.
- FIGUEROA, Miguel Herrera. *Psicologia & Criminologia*. Argentina: Ediciones Culturales Universitarias Argentinas, 1991.
- FERNANDES, Newton & FERNANDES VALTER. *Criminologia Integrada*. São Paulo: Revista dos Tribunais. 1995.
- ORAPKIN, Israel. *Manual de Criminologia*. Argentina: Ecu, 1969.
- GARCÍA-PABLOS DE MOLINA, Antônio. *Criminologia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997.